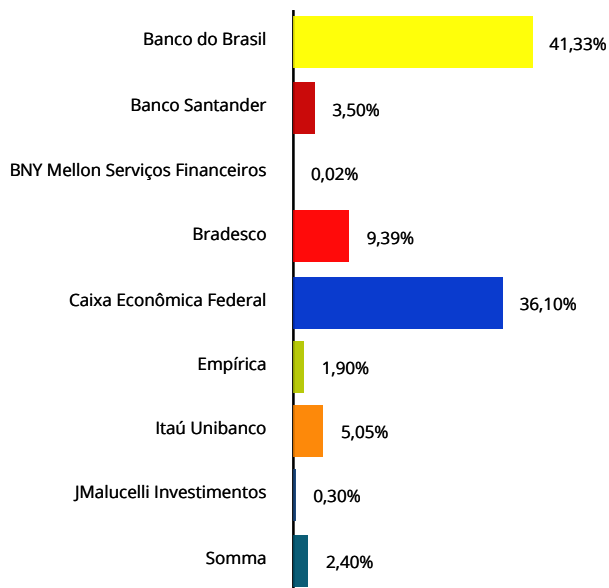


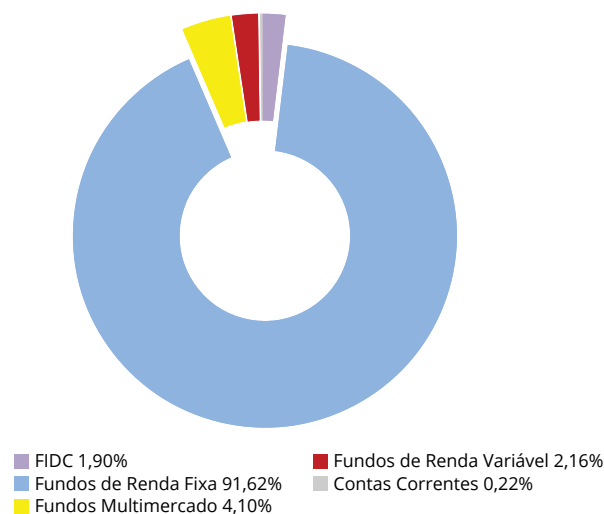
Os recursos do IPRESANTOAMARO são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



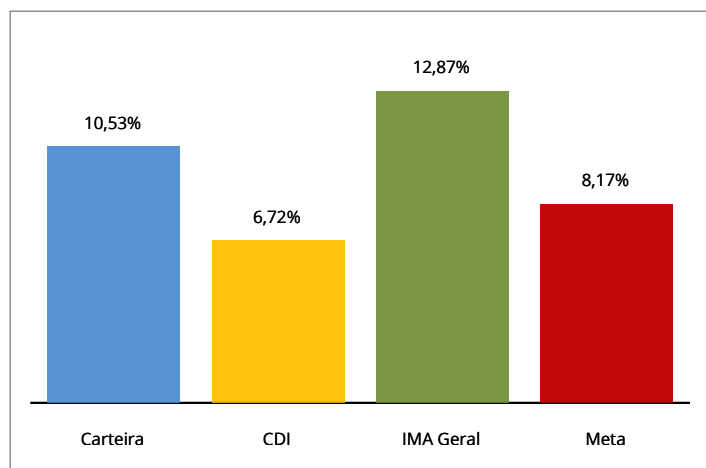
Distribuição da Carteira por Segmento



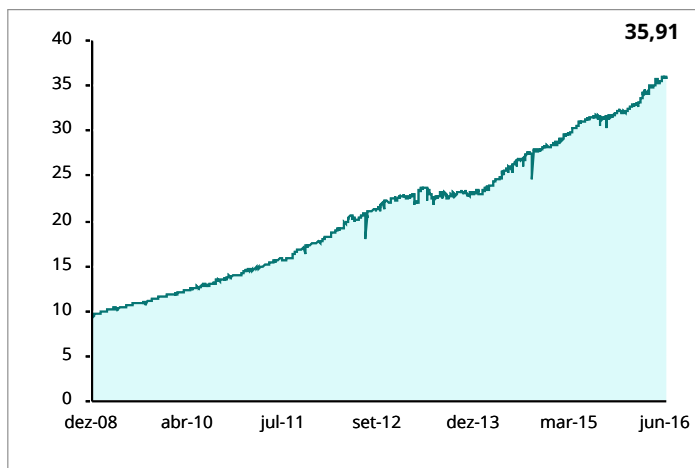
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
IPRESANTOAMARO	1,34%	10,53%	15,97%
CDI	1,16%	6,72%	14,09%
IMA Geral	1,81%	12,87%	15,87%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	0,96%	8,17%	16,01%

Carteira x Indicadores em 2016



Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do IPRESANTOAMARO tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.



Análise Macroeconômica

O grande evento do mês de junho foi a decisão tomada pela população do Reino Unido, por meio de plebiscito, de deixar de integrar a União Europeia. Essa decisão deve estimular os principais bancos centrais de todo o mundo a elevar ainda mais o nível de liquidez da economia global.

O Banco Central americano manteve a taxa básica de juros estável em sua reunião de junho, conforme todo o mercado já esperava. Logo no início daquele mês, o relatório Nonfarm Payroll foi divulgado, mostrando que a criação de vagas de maio foi muito pequena e menor do que o esperado. Isso acendeu a luz amarela sobre o mercado financeiro, que por sua vez passou a duvidar das chances de o juro ser elevado na próxima reunião, em julho. Até então, a visão da SOMMA era de que o próximo aumento de juro na economia americana ocorreria apenas em setembro. No entanto, a decisão de saída do Reino Unido da União Europeia elevou o grau de incerteza da economia global. Com isso, passamos a acreditar que não haverá mais qualquer elevação do juro na economia dos EUA neste ano.

Na Europa, o destaque foi a escolha pelo "Brexit". Desde a fundação da União Europeia, é a primeira vez que um membro decide por deixar de participar da região. O maior temor gerado por esta saída é a possibilidade de outros países decidirem precipitadamente por fazer o mesmo, pois entre os economistas há o consenso de que a atividade econômica do Reino Unido sofrerá com esta decisão. Por outro lado, esta mudança deve estimular o Banco Central Europeu a colocar mais estímulos monetários sobre a economia.

Na China, os indicadores de produção e de vendas no varejo vieram em linha com o consenso de mercado. No entanto, os indicadores antecedentes – chamados de PMI – sugerem que o ritmo de expansão da atividade deve seguir se desacelerando no segundo trimestre deste ano.

O mês de junho no Brasil foi marcado pela melhora das expectativas dos agentes econômicos. Os indicadores de confiança calculados pela Fundação Getúlio Vargas mostraram que comerciantes, industriais, consumidores e prestadores de serviço têm consciência de que a atual situação da economia é de muita fragilidade, mas ainda assim passaram a acreditar que o futuro será mais positivo para suas atividades. Esse fator, aliado ao resultado do PIB do primeiro trimestre de 2016 que veio melhor do que o esperado pelo mercado, nos fez revisar nossa projeção de crescimento econômico para este ano, de -3,6% para -3%.

Em junho, Ilan Goldfajn foi confirmado pelo Senado para presidir o Banco Central. Na divulgação do Relatório Trimestral de Inflação, ele aproveitou para deixar claro que sua prioridade é de fazer a inflação convergir à meta de 4,5% ao final de 2017. Como atualmente as projeções do Banco Central são de que, se a Selic permanecer estável em 14,25% e o câmbio em R\$ 3,45, a inflação de 2017 ficará um pouco acima da meta (4,7%), passamos a acreditar que o Banco Central demorará mais algumas reuniões antes de começar a reduzir a taxa básica de juros. Desta forma, acreditamos agora que apenas ao final deste ano, na reunião de 30 de novembro, a Selic será cortada, passando de 14,25% para 14%, mantendo-se estável nas reuniões de julho, agosto e outubro.

No cenário político, o presidente interino Michel Temer parece aguardar a votação final do processo de impeachment (prevista para agosto) para levar ao Congresso as medidas fiscais mais duras que precisam ser tomadas. A avaliação é de que, até lá, cada aprovação de medida será muito cara em termos políticos, pois o processo de impedimento teria chance de ser desfeito no Senado. Para dar alguns exemplos, Temer já liberou um aumento dos benefícios do Bolsa Família de 12,5%, um reajuste de salário para os servidores públicos federais, renegociou a dívida dos estados com a União e aumentou a verba para a educação básica de estados e municípios. Além disso, ainda temos medo em relação à diferença entre o timing das medidas econômicas que ainda precisarão ser tomadas e da Lava Jato – afinal, diversos aliados importantes de Temer estão bem enrolados nesta operação.

Como consequência, os próximos meses tendem a parecer mais longos, dada a espera pela votação final do processo de impeachment e as eleições municipais. Efetivado o afastamento de Dilma, Temer deve voltar a buscar a aprovação de medidas econômicas impopulares (e necessárias). No entanto, a cabeça dos deputados e senadores estará mais voltada para as eleições municipais.

Renda Fixa

Os bancos centrais dos países desenvolvidos sinalizaram que continuarão com uma política monetária expansionista devido ao cenário de baixo crescimento. Aliada à isso, a saída do Reino Unido da União Europeia coloca mais dúvidas



sobre a mesa, não só quanto ao impacto na economia dos demais países da região, mas ao reflexo nos países emergentes. No Brasil, parece que a nova equipe econômica já está trazendo credibilidade, apesar de o lado político (com a Lava-Jato) e fiscal (com sua morosidade característica) ainda gerarem desconfiança dos investidores.

A mensagem clara e objetiva do Banco Central brasileiro em convergir a inflação para os 4,5% ao ano em 2017 levou o mercado a entender que não haverá corte na Selic no curto prazo. Sendo assim, a parte mais curta da curva de juros fechou em alta. Os vértices de curtíssimo prazo – até janeiro 2017 – apresentaram alta em torno de 2%. Sobre a parte longa da curva, pesou o otimismo com a postergação de aumento de juros pelos EUA. Os vértices mais longos apresentaram queda de 5%, na média.

A moeda norte americana fechou o mês com forte queda de 10,72%, em R\$ 3,2098. Tal valor – bem abaixo dos R\$ 3,50 – foi bastante influenciado pela alta liquidez fornecida pelos bancos centrais. A dúvida é se a nova equipe do Banco Central vai deixar o dólar oscilar ao sabor da dinâmica do mercado ou se vai atuar através dos swaps reversos.

Renda Variável

Com o mês de junho fechando o primeiro semestre, podemos enfim dizer que a Bovespa volta a ser destaque de rentabilidade. O Ibovespa rendeu 6% no mês e 20% no ano (quase 50% se dolarizado), tornando-se, até o momento, a Bolsa mais rentável no mundo em 2016.

No mercado internacional, o principal evento ocorreu no final do mês: a já citada saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). O fato rendeu volatilidade extra ao mercado de renda variável, pois o consenso das expectativas indicava o não rompimento com o bloco, pegando o mercado financeiro no contrapé. Com isso, os principais bancos centrais logo trataram de estruturar uma ação coordenada por meio do afrouxamento monetário e continuidade no fomento da liquidez, atitude que foi benéfica aos países emergentes – que viram suas moedas valorizarem em relação ao dólar no mês.

No âmbito doméstico, o mercado interpreta como positiva a evolução ainda precoce do quadro fiscal, com esforço adicional de travar o orçamento em um teto atrelado à inflação. Outro ponto importante é a linha de trabalho da nova equipe econômica, muito bem avaliada pelo mercado e classificada como austera, equilibrada e contando com apoio político suficiente para implantar medidas (rejeitadas pelo governo anterior). Nestes dois primeiros trimestres do ano, também observamos ajustes por parte das empresas em relação à cortes de custos, sendo que já notamos nos índices de expectativa uma melhora na confiança – principalmente por parte do empresariado.